

## CANTADA

Um – Oi

Dois – Eu te chamei aqui? Não lembro de ter autorizado a sua entrada.

Um – O pessoal me conhece, não é?

Dois – Isso não tá certo.

Um – As contas vêm no nome de quem?

Dois – Eu não tinha a necessidade de explicar pra ninguém que você não ia voltar.

Um – Mas eu voltei.

Dois – Veio pagar as contas atrasadas?

Um – Tão atrasadas?

Dois – Não é disso que eu to falando!

Um – Estão?

Dois – O que importa?

Um – Eu posso ajudar.

Dois – Que graça.

Um – To falando sério.

Dois – Nada que vem de você é sério. Tudo deboche

Um – Qual delas tá atrasada?

Dois – Para!

Um – Qual o problema em falar?

Dois – Todos. Nenhum. Eu devia mesmo ter deixado tudo sem pagar daí sujava teu nome e... ia ser mais fácil.

Um – Que o quê?

Dois – Ver a merda do teu nome na correspondência. Chegou um momento que já não era mais nada, só uma palavra.

Um – Mas...?

Dois – Não tem “mas”. É isso.

Um – Eu quero poder ajudar.

Dois – Com o que? Com o que?? Que tipo de ajuda você ta pensando? Vem aqui, não deixa a luz ser cortada, ou o gás. Salva o mês, se sente bem, cura a porra da sua culpa e pronto.

Remissão.

Um – Deixa de ser assim.

Dois – Redenção. Aplausos. E assim ta livre pra seguir sem nada por deixar, afinal é sobre isso a vida! Pagar as merdas das contas e sobreviver com o que resta, sobre o que resta.

Um – Eu não queria te fazer sofrer

Dois – Que pena. Fez. Muito.

Um – Desculpa.

Dois – Não desculpo.

Um – Vim pra saber como você está.

Dois – Assim como você ta vendo.

Um – Não me parece mal.

Dois – E quem disse que eu tava mal?

Um – A fechadura é a mesma.

Dois – Você fez questão de deixar a chave.

Um – Eu esqueci.

Dois – Como tudo.

Um – Não de você.

Dois – Ah que bonito.

Um – No começo parecia que nada tinha acontecido. Tive uma espécie de perda de memória recente. Uma ignorância de tudo. Lembrava algumas palavras, ecoando dentro, como que querendo sair, fazendo força, empurrando as têmporas. Só as palavras. E eu saí buscando os

lugares mais barulhentos, as bebidas mais fortes pra amenizar isso. Eu poderia dizer que foi abstinência. Mas seria injusto com você. Depois eu realmente me perdi. Acordava e ia dormir sem vontade, sem nada. Eu achei que era saudade, achei que era culpa, achei que não era porra nenhuma, amor...

Dois – Hipócrita.

Um – É... isso. Quando dei por mim. Já tinha passado tanto tempo que eu fiquei com vergonha de aparecer do nada.

Dois – Mas acabou de fazer isso agora. Que coragem foi essa?

Um – Nenhuma. A coisa toda me pareceu tão impossível. Eu não pensei

Dois – Esse é todo o problema. Você não pensa, como se eu devesse estar aqui de prontidão, com o sofrimento comendo o fígado, faltando pedaço. Nada pra você importa!

Um – Você ta bem?

Dois – É isso?! Te importa saber se eu to bem?!

Um – Claro que importa!

Dois – O que realmente te importa?

Um – Sei lá... você

Dois – É claro que eu to bem! Você acabou de falar isso. Só que

Um – O que?

Dois – E a lua? As amendoeiras? Ou o verão!? A merda do verão inteiro!

Um – O que tem?

Dois – Tudo tem o seu nome impresso... e não é porque eu ainda te ame, mas ainda tem você. E esse é o inferno. Não tem nada, não tem mais sentido. Só isso. E você não lembra. Não importa. Não dói e eu queria que doesse. Em mim pelo menos... você sabe o que é ter tudo marcado por alguém que não te da mais nada? Não te traz nada? É como uma cicatriz que você esqueceu como fez. E ela ainda dói no frio. Você é isso... um rasgo que não aconteceu, mas ta aqui.

Um – Isso é mentira

Dois – E eu me pergunto. Pra que tudo isso que me lembra você? Qual a graça disso? Eu lembro do seu beijo debaixo daquela amendoeira. As viagens de carro com o sol torrando a minha cara. Eu sorria, bebia cerveja gelada e te deixava com vontade... parece um filme. Mas eu sei que foi comigo!

Um – Com a gente. A gente! Ta querendo se vingar? Me desmerecendo pra poder se sentir melhor?

Dois – E você ainda faz tudo isso parecer tão brega agora! Tão clichê. Que merda... longe, pelo menos, ainda era só aqui dentro! Agora que eu falei, que merda! Foi ridículo. É ridículo. É medíocre. Eu sou isso. Normal. Uma pessoa comum de uma historinha de amor ordinária! Que merda...

Um – Eu vim aqui pra te ver e você me recebe assim.

Dois – Olha pra você! No mesmo lugar desde que eu abri a porta. Nem mesmo perguntou se podia entrar...

Um – Eu tava esperando o convite.

Dois – Pra entrar? É tão ridículo isso...

Um – Você quer que eu vá embora?

Dois – Quero. Você vai?

Um – Não.

Dois – Sempre me contrariando.

Um – É. Sempre.

Dois – Então fica.

Um – O que?

Dois – Fica. Me ama errado, corrói minha identidade com a sua saliva ácida, fode mal comigo, me culpa pelo seu fracasso.

Um – Que espécie de brincadeira é essa?

Dois – Eu estou falando pra você ficar. Entra. Senta no sofá e come a minha comida. Fala que ela ta sem tempero e que eu sou igual.

Um – E depois?

Dois – Não pergunta mais nada. Nunca mais vai embora.

Um – Eu.

Dois – Pra que a dúvida?

Um – Você agora mesmo estava...

Dois – Não estou mais. A porta tá aberta. To falando pra você voltar e terminar o que começou.

Um – Tem certeza?

Dois – Você veio pra isso.

Um – Na verdade.

Dois – Não veio.

Um – Não! Vim! Mas.

Dois – Não tem “mas”. Ou veio ou não veio.

Um – Minhas coisas.

Dois – Então veio.

Um – É.

Dois – Falta pegar as suas coisas...

Um – De certa forma.

Dois – Entra.

Um – Eu vou pegar.

Dois – Não vai.

Um – Eu.

Dois – Eu sei. Já passou.

Um – Eu sou outra pessoa.

Dois – Não. Pior que não é.

Um – Ninguém muda nunca.

Dois – Seu pai sempre disse isso.

Um – Meu pai morreu.

Dois – Eu soube.

Um – E?

Dois – Eu soube.

Um – Ta certo.

Dois – Não. Não ta.

Um – Eu vou.

Dois – Eu sei.

Um – Desculpa.

Dois – Já disse que não.

Um – Ta bem.

Dois – Você vai embora tão fácil.

Um – Mas você.

Dois – É só um comentário.

Um – Sinto muito.

Dois – Espero que sinta algo.

Um – Tchau.

Dois – Adeus.

Um – Adeus é...

Dois – Eu sei o que é.

Um – Sim.

Dois – Aqui. Sua chave. Amanhã ela não vai mais servir. Leva.